

PR/SCT/CNPq
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
COLEÇÃO ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

TALENTO E ATITUDE:
Estudos Biográficos do Museu
Emílio Goeldi, I.

Oswaldo Rodrigues da Cunha

Belém – Pará
Outubro 1989



PR/SCT/CNPq

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Presidente: José Sarney

SECRETARIA ESPECIAL DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Secretário: Décio Leal de Zagottis

**CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO
CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO**

Presidente: Crodowaldo Pavan

Vice-Presidente: José Duarte de Araújo

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

Diretor: Guilherme M. de La Penha

Vice-Diretor de Pesquisas: José Guilherme Soares Maia

Vice-Diretor Executivo: Celso Martins Pinto

COMISSÃO DE EDITORAÇÃO

Presidente: Guilherme M. de La Penha

Vice-Presidente: Adélia E. de O. Rodrigues

Apoio Editorial: Lais Zumero, Graça Overal e Lairson Costa

Cunha, Osvaldo Rodrigues da.

Talento e atitude: Estudos Biográficos do Museu Emílio Goeldi, I/Osvaldo Rodrigues da Cunha. - Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1989.

160 p.: il. - (Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira)

ISBN: 85-7098-031-2

1. PESQUISADORES-Biografia. 2. MUSEU PARAENSE
EMÍLIO GOELDI-Pesquisadores. I. Título.

CDD: 925

CDU: 929

© Direitos de cópia/Copyright 1989
por/by PR/SCT/CNPq Museu Goeldi

Agradecimentos

Em singelas palavras o autor faz questão de agradecer em princípio a atenção e o empenho que o diretor do Museu, Dr. Guilherme M. de La Penha, vem manifestando com grande interesse às pesquisas científicas específicas da instituição e aos respectivos estudos históricos, restaurando alguma parcela do passado e publicando trabalhos neste campo, a fim de que a memória de homens e

eventos não venha a desvanecer-se definitivamente. Agradecemos também a Lais Zumero, da Comissão de Editoração do Museu, pela revisão cuidadosa e paciente da parte literária e pelo veemente interesse que vêm demonstrando para que o presente trabalho fosse o quanto antes publicado e também por outros em vias de o serem.

Sumário

Apresentação	12
Prefácio	14
Domingos Soares Ferreira Penna (1818-1880)	20
Francisco da Silva Castro (1815-1899)	48
Edgar Leopold Layard (1824-1900)	54
Joaquim Pedro Correa de Freitas (1829-1888)	59
José Ferreira Cantão (1827-1893)	62
José Coelho da Gama e Abreu (1831-1906)	65
Charles Frederick Hartt (1840-1878)	69
Aureliano Pinto de Lima Guedes (1848-1912)	77
Herbert Huntington Smith (1851-1919)	80
Maria Elizabeth Emflia Sneathlage (1868-1929)	83
Carlos Estêvão de Oliveira (1880-1946)	103
Rodolpho de Siqueira Rodrigues (1884-1957)	122
Paul Vincent Ledoux (1898-1984)	138
Walter Alberto Egler (1924-1961)	150

Apresentação

Sonhar e observar, defender-se e buscar sobreviver, ensinar e educar, comunicar e informar, organizar e gerar conhecimentos são todas as ações e atitudes que se mesclam nos perfis da mulher e dos homens que o Pesquisador *Oswaldo Cunha* traça neste trabalho.

Toda nova geração adota novos padrões, novos líderes, novas crenças, novos mitos e enquanto fazem isso com entusiasmo acumulam, sem saber, experiência para vir a valorizar - ao chegar a fase de ceder sua vez - o trabalho daqueles que a antecederam. Infelizmente sempre se chega tarde à real história da ciência, mas felizmente nunca o suficientemente tarde para que dela não se possam tirar lições.

O *Museu Goeldi* atual é fruto das contribuições de dezenas de homens ao longo de doze décadas. *Oswaldo Cunha*, cientista respeitado, autodidata admirável, na madureza de sua carreira se dispõe a levar a cabo o projeto de buscar retratar as parcelas maiores na construção do todo hoje existente. Ele o faz não com o instrumental do historiador profissional, mas com o viés de um autor com experiência análoga a de seus retratados: a disciplina do trabalho científico, o cansaço da liça

pelo reconhecimento que nunca chega em vida, o treino no debate constante da ciência por sobreviver no ambiente hostil amazônico e brasileiro.

Dos sonhos e decepções do fundador *Ferreira Penna* à realidade e fatalidade de *Walter Egler*, *Oswaldo Cunha*, nesta primeira série, traça um perfil temporal de uma instituição ainda em continuada construção, sob a ameaça da adversa realidade sócio-econômica nacional.

Oswaldo Cunha orgulha duplamente o *Museu Goeldi*. De um lado por sua contínua e diversificada produção, desde a juventude, e que passa por quase todas as disciplinas de que se ocupa este *Museu*; de outro, por documentar a tradição de uma instituição que sempre buscou manter seu ideal filomático graças ao esforço, trabalho, zelo e competência daqueles aos quais nunca foi dada a oportunidade de decidir sobre os rumos da Amazônia; só o de trilhar suas sendas, desvendar parte de seus segredos, sonhar em seus mistérios e lamentar sua destruição.

6 de Outubro de 1989

Guilherme M. de La Penha
Diretor Geral
MPEG/CNPq/SCT

Prefácio

A história de um povo, de uma nação, de uma instituição científica, artística e cultural é feita por homens e mulheres. O homem fez a História e a História fez o homem. A História não é poesia e nem romance, cuja descrição fica exposta ao sabor das idéias e maquinações de um autor inventivo e prolífico. A História é uma atividade científica que nos dá a conhecer o passado da humanidade, a vida de uma pessoa em particular e a sua manifestação na ciência, na arte, na música, na religião e na filosofia.

“Evidentemente, o conhecimento histórico é um conhecimento científico, ainda que sua exposição seja ao mesmo tempo uma arte”. Assim se expressou o historiógrafo espanhol Luiz Pericot Garcia (“El Estudio de La História” em *Enciclopedia Labor*, 1958 (5):XXI-XL), abordando o estudo do passado.

É certo que não podemos compreender o presente sem conhecermos o passado. Este conceito é atribuído a Alexis de Tocqueville (1805-1859), célebre magistrado e pensador francês. O caminho mais equilibrado para compreendermos os acontecimentos históricos, os en-

tendidos afirmam, é conhecendo e estudando a vida das pessoas que mais influenciaram o desenvolvimento dos acontecimentos. Por isso, a biografia bem elaborada e coordenada com imparcialidade e analisada através das fontes documentais confiáveis, reconstitui uma época e tudo o que as personagens mais salientes daquele cenário contribuíram para o progresso ou retrocesso da sociedade humana.

Os estudos biográficos no Brasil, aliás tema de suma importância para o nosso país, jamais tomaram delineamentos científicos e históricos com encadeamento. Ocorrem apenas trabalhos esparsos, incompletos e sem precisão no tempo e no espaço, salvo algumas exceções no século passado como a antiga obra de Augusto Sacramento Blake (1827-1903), o *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, publicado em 7 volumes entre 1883 e 1902. No atual século apareceram alguns pequenos e grandes dicionários e enciclopédias com biografias-miniaturas de literatos, políticos, militares, artistas, médicos e profissões outras, além de tratarem de termos gerais de cunho interna-

cional e brasileiro.

A história da pesquisa científica no Brasil e seus cientistas sempre foi relegada a plano medíocre e parcial. O primeiro trabalho importante sobre a história da ciência no Brasil foi publicado por uma equipe de pesquisadores, com certeza livro pioneiro, *As Ciências no Brasil*, organizado por Fernando de Azevedo e editado pelas Edições Melhoramentos, em dois volumes (S. Paulo, 1955), entretanto muito defeituoso e parcial no que diz respeito à Amazônia, suas instituições científicas e seus cientistas no passado, até a época da publicação do livro.

Mais recentemente foi publicada a *História das Ciências no Brasil*, coordenado por Mário G. Ferri, já falecido, e Shozo Motoyama. É obra em três volumes, patrocinada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e Editoras Pedagógica e Universitária Ltda. (São Paulo, 1979/1981), com colaboração da Universidade de S. Paulo. Com uma versão mais ampla e atualizada sobre o desenvolvimento da Ciência no Brasil que a anterior, pelo conjunto de matérias abordadas, este trabalho, no entanto, deixa ficar muita coisa por informar e é, às vezes, incompleta e discordante. Pouco ou quase nada se refere à Ciência e cientistas na Amazônia. Sempre o mesmo defeito e mesma metodologia adotada: uma parte do Brasil, desgraçadamente, não conhece a maior porção do País, que é a Amazônia. Sofrem nesse caso principalmente a Zoologia, Botânica, Antropologia, História, Medicina, e disciplinas afins.

No Pará, até quase os dias atuais, a história científica e a biografia de cientistas têm sido uma lás-

tima e uma indigência de memória pelo passado que mais parece uma terra sem história e sem existência, apenas mostrando a indiferença e o atraso em que o Estado tem vivido. É mais uma vergonha que um castigo. No século passado e no atual, quase nada se escreveu sobre este importante tema, muito pouco e esse mesmo fica desejar.

O Museu Paraense Emílio Goeldi, a mais antiga instituição científica da Amazônia e uma das primeiras no Brasil, tem uma longa história de 123 anos e, no entanto, até 25 anos atrás, pouco ou nada existia escrito sobre ele. Dos cientistas que aqui trabalharam ou outros que emprestaram sua contribuição de alguma forma, nada se conhecia – a não ser algumas notas discrepantes e geralmente incorretas nas datas e na especialidade, apenas tratando de Emílio A. Goeldi e Jacques Huber.

Em 1938 o Diretor Carlos Estêvão de Oliveira publicou um “Resumo Histórico do Museu Paraense Emílio Goeldi”, inserto na *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Rio de Janeiro* (volume 2, páginas 7 a 19). Este trabalho tinha sido o melhor então realizado, infelizmente incompleto, cheio de lacunas e erros, que no final não informou e nem esclareceu questões que ficaram no vácuo. Carlos Estêvão, como Diretor do Museu, tinha condições para pesquisar mais profundo e redigir melhor, mas não o fez. Entretanto, uma contribuição mais correta e documentada foi apresentada por Hélio F. Camargo, antigo pesquisador do Departamento de Zoologia de São Paulo, hoje Museu de Zoologia da Universidade desse Estado (USP), com o título: “Pequena contribuição ao estudo da

História do Museu Paraense Emílio Goeldi” (*Ciência e Cultura*, 1951, volume 3, nº 1, páginas 61 a 68). O trabalho aborda aspectos da vida de Emílio Goeldi, Godofredo Hagemann, Jacques Huber e Emília Snethlage.

Finalmente, o centenário do Museu Paraense estava aproximando-se em 1966 e até então nada se sabia sobre os instantes de sua criação e nem sequer se conhecia o nome das pessoas que concorreram para esse memorável evento, exceto o de Domingos Ferreira Penna. Em vista disso, o autor do presente trabalho empreendeu no início dos anos 60 uma paciente pesquisa nos documentos dispersos aqui, ali e acolá em arquivos e bibliotecas, que tratassem ou informassem qualquer coisa sobre o Museu em geral e sobre as pessoas que nele trabalharam ou para ele emprestaram a sua prestimosa colaboração. Em 1966 uma sumária, correta e bem intencionada história do Museu Paraense Emílio Goeldi já estava elaborada e publicada no jornal “A Província do Pará”. Daí aos dias presentes, procuramos sempre ampliar o leque da pesquisa histórica desta instituição, acrescentando informações e esclarecendo períodos obscuros e descobrindo dados particulares com minúcias elucidativas e veracidade cristalina.

No decorrer das pesquisas sobre o passado do Museu, passamos a buscar informes exatos, tanto quanto possíveis, acerca das pessoas envolvidas no processo de desenvolvimento da instituição desde suas origens. Em si, a parcela mais difícil, exaustiva e demorada da história do Museu, porque as pessoas de origem estrangeira que nele trabalharam ou para ele contribuíram, tiveram de certa forma notas de óbito à época do faleci-

mento em revistas alemãs, inglesas, norte-americanas e outras, nem sempre acessíveis no Pará. Quanto aos brasileiros, também existia certa dificuldade, em vista das informações sobre estas pessoas que às vezes não eram encontradas, outras apareciam apenas em notas do dia do falecimento publicadas em jornais de Belém no século passado ou no atual. Algumas pequenas biografias de certas pessoas mais importantes encontram-se em livros, dicionários, enciclopédias ou determinadas revistas científicas, culturais e de caráter geral. A maioria dessas biografias são incompletas, discordantes em datas e eventos e nem sempre ligaram o indivíduo ao convívio do Museu Paraense.

Nos últimos vinte anos o Dr. Ricardo Borges (1886-1975), nascido na Bahia, advogado, economista e conhecedor dos problemas da Amazônia, onde viveu 66 anos no Pará, ficou chocado pela deficiência de biografias das personagens relevantes à história do Estado. Foi induzido então a escrever sobre a vida dos homens que fizeram essa história. Um trabalho abnegado o do Dr. Ricardo Borges, que resultou na publicação do livro *Vultos Notáveis do Pará*, editado em 1970 pelo Conselho Estadual de Cultura do Pará e republicado em segunda e ampliada edição em 1986 pelo Centro de Estudos Jurídicos do Pará (CEJUP), em comemoração do seu centenário. Sem dúvida, é o melhor livro de biografias que se publicou no Pará, não tanto pelo número de biografados, como pelas informações históricas de diversas épocas nelas contidas. Entretanto, está longe de ser completa. Além de conter incorreções, lapsos e grandes lacunas sobre cientistas, na-

turalistas e pesquisadores em geral, sejam paraenses ou estrangeiros, a obra de Ricardo Borges não preenche o vácuo da história da ciência no Pará e nem relembra aqueles sábios que aqui lutaram contra a ignorância, pois aí se encontram menos de dez nomes, assim mesmo com notas sumárias e algumas incorreções de datas.

Por fim, para não fazermos injustiças, referiremos o esforço realizado pela Universidade Federal do Pará (UFPA) em promover o "Simpósio sobre a História da Ciência e da Tecnologia no Pará", nos dias de 17 a 21 de junho de 1985 no qual foram abordadas as instituições, a UFPA e temas científicos por vários professores e pesquisadores. O Museu Paraense foi representado pelo ex-Diretor, Dr. José Seixas Lourenço, o qual apresentou um sumário histórico e as suas linhas de atividades até então. Os trabalhos foram publicados pela UFPA em 1985, em dois volumes, com o título *Anais do Simpósio sobre a História da Ciência e da Tecnologia*. As anotações de José Seixas Lourenço se encontram no segundo volume, nas páginas 447 a 460. Também inserimos aqui o recente trabalho "Médicos de outrora no Pará", do Dr. Clóvis Meira, médico e professor universitário, publicado em Belém em 1986 com 479 páginas.

As biografias que apresentamos aqui são o resultado de nossas pesquisas durante os últimos trinta anos, algumas foram publicadas em jornais, revistas e livros em Belém e o restante inédito. Foram elaboradas em épocas diversas de modo que tiveram de passar por rigorosa revisão de texto e atualizadas. Este trabalho engloba quatorze estudos biográficos,

dos quais alguns mereceram uma atenção especial e, portanto, contêm um aprofundamento de informações mais minuciosas de acordo com a contribuição e a maior representatividade que a pessoa em questão teve no desenvolvimento do Museu Paraense Emílio Goeldi, na pesquisa científica ou no aspecto administrativo. Esse conceito vale também em relação ao Pará e extensivamente ao Brasil.

No conjunto geral, já temos uma lista de algumas 70 pessoas, na qual se incluem as quatorze agora apresentadas, que em nossa opinião merecem ser biografadas, em maior ou menor amplitude, conforme a sua importância e contribuição que deram nos termos acima referidos. O presente livro faz parte de uma série de biografias, que deverão ser publicadas em futuro próximo, e desde já podemos dizer que o segundo volume poderá ser redigido pelo autor. Daí para diante, outros pesquisadores, habilitados e com a necessária paciência, poderão completar as biografias e outras que por ventura venham a aparecer no futuro. A nossa tarefa tão cheia de dificuldades foi iniciada e cumprida, não no todo como sempre desejamos, mas parcialmente. Resta muito ainda por fazer, principalmente no que diz respeito à história geral do Museu Paraense e para tanto já redigimos históricos sobre a Zoologia, Geociências, Biblioteca, Parque Zoo-Botânico e assuntos correlatos. A pesquisa meteorológica foi resgatada no trabalho de Osvaldo Cunha e Therezinha Xavier Bastos em *A Contribuição do Museu Paraense Emílio Goeldi à Meteorologia na Amazônia (Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, nº 23, 86 páginas, 1973)*.

Com essas contribuições tão exatas quanto reais, é nossa esperança que possamos ajudar aos que nada sabem sobre o Museu Paraense a conhecê-lo melhor, a fim de que em dias vindouros ele venha a ser mais decisivamente auxiliado, amparado e preservado como um santuário ina-

lienável e resguardado da inépcia de más pessoas, para que o seu futuro seja tranquilo e a ciência que nele se pratica reverta em benefício às gerações futuras, engrandecendo, assim, o Pará, a Amazônia e o Brasil.

Oswaldo Rodrigues da Cunha



Maria Elizabeth Emflia Snethlage

(1868-1929)

Em meados do século dezenove as mulheres dos países europeus e as americanas do norte organizaram movimentos feministas para reivindicar maior participação na vida social e política, que os tempos modernos estavam a exigir. Nessas lutas pela sua emancipação, às vezes um tanto intempestivas, as mulheres desses países foram aos poucos conquistando os seus direitos, de modo que, ao raiar do século vinte, elas já podiam ufanar-se de terem superado velhos preconceitos da sociedade dominada pelo homem e começaram a viver uma nova era, caminhando lado a lado. Entre os maiores exemplos dessa emancipação incluem-se o de Maria Sklodowska Curie, a célebre cientista física polonesa, casada com o físico francês Pierre Curie, ambos ganhadores do Prêmio Nobel em 1903, e a russa Sophia Kovalevsky, notável talento na Física e na Matemática.

No Brasil, as idéias dos movimentos feministas chegaram da Europa ainda no século dezenove. Aqui, em muitos aspectos, a mulher se encontrava quase na obscuridade e ausente em muitas atividades inte-

lectuais e políticas. Pequenos movimentos ainda discretos ocorreram em algumas cidades brasileiras, mais particularmente no Rio de Janeiro, advogando os direitos da mulher. Elas, aos poucos, conseguiram algumas oportunidades, mas foi só nas décadas de 1910 e 20 que conseguiram intensificar os seus movimentos pela emancipação e, em especial, o direito de voto nas assembleias políticas, lideradas principalmente pela notável bióloga Dra. Bertha Maria Julia Lutz, filha do famoso biólogo Dr. Adolpho Lutz, formada na Sorbonne, Paris, em 1918 e 1919, então naturalista do Museu Nacional. Bertha Lutz lutou, unida a outras mulheres, com o apoio de muitos parlamentares homens que possuíam uma nítida visão da participação efetiva da mulher na vida brasileira, durante vários anos, até ver as suas reivindicações plenamente implantadas no Brasil.

Entretanto, enquanto esses movimentos ocorriam no Sul do Brasil, no Pará, desde 1905, a mulher estava conquistando direitos e oportunidades sem necessidade de lutas e

movimentos conflitantes. O Pará foi pioneiro no Brasil e na América do Sul em abrir as portas para o ingresso da mulher nas atividades de nível superior e no serviço público. O Museu Paraense foi o portão de entrada, ao admitir, durante a administração de Emílio Goeldi e por sua sugestão e, depois, com Jacques Huber, sob os governos esclarecidos de Augusto Montenegro, João Coelho e Enéas Martins, um número cada vez maior de mulheres ao serviço do Estado, em diversas funções especificadas.

A mulher pioneira foi a Dra. Maria Emília Snethlage, que veio desempenhar uma função científica no Museu em meados de 1905, portanto muito antes de Bertha Lutz iniciar suas atividades. Como veremos adiante, Snethlage, completamente desinibida e desembaraçada de qualquer preconceito da parte dos homens, soube desempenhar ativamente, com critério científico, honestidade e humildade todos os cargos que foi galgando, em especial o de Diretora do Museu Paraense, em 1914, portanto ainda antes da atuação de Berta Lutz. Snethlage foi a primeira mulher a assumir a direção de uma instituição científica na América do Sul, para a qual foi nomeada por um homem, o Governador Enéas Martins.

Emília Snethlage está hoje esquecida no Pará, apenas lembrada no Museu Paraense Emílio Goeldi, onde passou os melhores anos de sua vida, dedicada ao estudo da avifauna amazônica e paralelamente realizando explorações geográficas e etnológicas, entre os anos de 1905 e 1921. De origem germânica, Snethlage ocupou as mais altas e relevantes funções no Museu, desde chefe da Seção de Zoologia até Diretora efe-

tiva do mesmo.

Rompendo a velha tradição que inferiorizava a mulher, a jovem naturalista abandonava a sua terra natal, a família e o conforto, para viver definitivamente no Brasil, a sua segunda pátria, inicialmente na Amazônia e depois no Sul do país. Deu tudo de si para esta nova pátria, onde faleceu obscuramente, em um rincão longínquo da Amazônia, em 1929. Por incrível que pareça, até 1987, Emília Snethlage não tinha uma homenagem oficial do Museu, como acontece, também, com outros cientistas e servidores que contribuíram para o engrandecimento da Ciência brasileira, o desbravamento da região e para o elevado prestígio do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Por estas razões devemos prestar homenagem a esta mulher singular, de rija têmpera, que, embora não sendo brasileira, o foi por adoção, quando o Pará dela mais precisava, traçando nestas linhas os principais eventos de sua vida, para que, no futuro, não fique mais apagada ainda a sua lembrança.

A 13 de abril de 1868, nascia na cidade de Kraatz, próximo de Gransee, na província prussiana de Brandenburg (ao norte de Berlim), Alemanha, uma menina que recebeu o nome de Henriette Mathilde Maria Elizabeth Emilie Snethlage, filha do Reverendo Emil Snethlage, pastor luterano e de sua esposa Elizabeth Rosenfeld.

Emília era o segundo de uma prole de quatro filhos que o casal tivera, os quais em 1872 ficavam órfãos de mãe. Educada rigidamente pelo pai, Emília adquiriu conhecimentos, enquanto forjava na melhor têmpera o seu caráter e disposição para enfrentar a árdua luta pela vida.

Revelara muito cedo talento fora do comum e decidida vocação para a História Natural. Comprazia-se no contato íntimo com a Natureza em sua terra natal, e gostava de observar e estudar as plantas e os pássaros. Ainda menina, enviava suas anotações ao Prof. Rudolf Blasius, especialista em aves, que as publicava na revista "Journal für Ornithologie".

Em 1889, obteve em Berlim o grau com qualificação para ensinar em escolas secundárias. Com o falecimento do pai, a situação se tornara difícil e, por isso, Emília Snethlage vai ganhar a vida como preceptora de filhas de famílias abastadas, durante os anos de 1890 a 1899, na Alemanha, Suíça, Inglaterra e Irlanda. Ao mesmo tempo, aproveitou a função para aperfeiçoar-se nos idiomas francês e inglês. Ajudou-a muito a sair da situação inferiorizada em que se achava, para um lugar destacado, uma pequena herança recebida no fim daquele século. Emília ansiava alçar-se a um plano que a libertasse das peias medievais que impediam as mulheres de assumirem posições que há séculos eram atributo dos homens. As idéias feministas na Europa, ao apagar das luzes do século XIX, já fervilhavam, reunindo grupos de mulheres mais afoitas e resolutas para lutarem pelos direitos da mulher, inferiorizadas no nível intelectual e político.

Influenciada, ainda, pelas questões da Biologia, Emília matriculou-se nos cursos de História Natural das Universidades de Berlim, Jena e Freiburg, onde pontificavam cientistas como August Weissmann, Ernst Haeckel, zoólogos, e o paleontólogo Steinmann. No verão de 1904, Snethlage obtinha o grau de Doutor em Ciências (Ph.D) na Uni-

versidade de Freiburg, em Breisgau, com a tese "Ueber die Frage von Muskelansatz und der Herkunft der Muskulatur bei den Arthropoden". (Sobre a questão da inserção muscular e da origem da musculatura nos Artrópodos). Foi-lhe conferida "Suma cum laude" pela sua dissertação, brilhante, erudita e magnificamente ilustrada por ela própria.

Titulada, não foi difícil a Snethlage conseguir a função de Assistente de zoologia no Museu de Berlim em meados de 1905, junto ao famoso ornitólogo Anton Reichenow.

Enquanto isso, no Pará, Emílio Goeldi, como diretor do Museu, encontrava muitas vezes dificuldades para contratar especialistas nos Museus e Universidades da Europa, pois ninguém desejava afastar-se de suas funções ou da comodidade para embrenhar-se na Amazônia em estudos científicos, ainda que bem pagos. Nos primeiros anos deste século, no Museu havia vagas para etnólogos, zoólogos, geólogos, botânicos, além de outras especialidades paralelas.

Por comunicação do próprio Prof. Reichenow, veio Goeldi a saber da disposição de Emília Snethlage para vir trabalhar no Museu do Pará. Em 15 de julho de 1905 é feito um contrato, pelo espaço de dois anos, para servir como Assistente de Zoologia no Museu, junto ao chefe da respectiva Seção e Diretor, Emílio Goeldi.

Emília Snethlage chegou a Belém no dia 15 de agosto daquele ano e começava logo a desenvolver trabalhos científicos e de rotina, dinamizando a Seção de Zoologia e ainda respondendo pelo movimento do Parque Zoológico e das atividades do Serviço meteorológico. Sobre ela

escreveu Goeldi em Relatório de 1905, que não foi publicado:

“Dispõe não somente de brilhantes títulos acadêmicos baseados nas suas publicações científicas sobre vários assuntos de história natural, como de excelentes atestados sobre sua competência, habilidade e zelo nos trabalhos de Museu; de maneira que tudo promete augurar reais vantagens para o nosso estabelecimento com a aquisição da notável cientista”.

Emília Snethlage, nessa época, já contava com 37 anos de idade. Rompia o século vinte com a disposição firme de desvencilhar-se de vez dos velhos preconceitos em relação às mulheres, que tanto as depreciavam. Era, pois, uma mulher livre. Os pais haviam falecido e apenas com os irmãos convivia, de modo que nada mais a prendia ao passado. Com o futuro à frente, tudo a incentivava para que deixasse para sempre a Europa e viesse viver definitivamente em um país novo como o Brasil, onde poderia desenvolver suas atividades em liberdade e em íntimo contato com a natureza.

Chegando ao Museu do Pará, Emília abriu também uma nova era nas relações homem-mulher, no aspecto científico-administrativo. Era corajosa, inteligente, educada, amável. Em Belém, contudo, essas mudanças estavam ocorrendo devido à moderna visão administrativa de Emílio Goeldi e à esclarecida política dos governantes republicanos do Pará. Tanto isto é exato no sentido de utilizar de maneira compatível os serviços científicos ou burocráticos da mulher que, ainda por iniciativa de Goeldi, foram nomeadas, em janeiro de 1907, as senhoritas Abigail Esther de Mattos e Anna de Aragão Carreira, para os cargos de Oficiais

Administrativos. Exerciam, porém, outras funções, tais como serviços da Secretaria e Biblioteca, a primeira, e a segunda como auxiliar na escrituração de catálogos e fichas no setor técnico. Tinham elas apenas 18 e 13 anos de idade, respectivamente. Essa experiência foi pioneira no Pará, sendo o Museu Paraense o primeiro na América Latina a aproveitar o trabalho feminino, com três mulheres em seu serviço ativo.

Ainda em 1905, Emília Snethlage iniciava os seus primeiros trabalhos de campo, excursionando à missão de Santo Antônio do Prata, na região bragantina, e à ilha de Marajó. Em 1906 encontrava-se na região de Monte Alegre, seguindo depois para o rio Guamá até São Miguel. Em 1906-1907 perambulava toda a região do baixo rio Tapajós até Itaituba, em companhia do ajudante de preparador João B. de Sá. Ainda em 1907, abril-maio, viajava pelo baixo Tocantins. Todas as excursões realizadas neste período tiveram como objetivo estudar e colecionar aves. Desde o início, Snethlage cumpria um programa de pesquisas de campo, com sugestões de Emílio Goeldi, que lhe nortearia todo o trabalho futuro.

Na ocasião da resignação de Emílio Goeldi à Direção do Museu, em 22 de março de 1907, Emília, que era Auxiliar científica da Seção de Zoologia, foi promovida a chefe da mesma, por sugestão do próprio Diretor que se afastava. Em julho desse ano o seu contrato era renovado por mais dois anos. Esse novo contrato de trabalho entre o Governo do Estado e a Dra. Emília Snethlage acompanhava, de modo geral, todas as cláusulas aprovadas para a admissão de pessoal técnico para o Museu

e estava assim redigido:

“1º – A Sra. Dra. Emília Snethlage exercerá as funções de Chefe da Seção de Zoologia do Museu Goeldi, assumindo os deveres e fruindo dos direitos inerentes a este cargo em conformidade com o Regulamento em vigor.

2º – Receberá o vencimento mensal de trezentos mil réis (300\$00) ouro, sendo-lhe garantidas as vantagens do aumento proporcional, conforme o artigo 22, cláusula 1ª do Regulamento em vigor.

3º – O presente contrato durará 2 anos e contará do dia 15 de julho de 1907, podendo ser renovado caso convenha a ambas as partes contratantes.

4º – Findo o presente contrato e tendo sido, a juízo do Governo, inteiramente satisfatórios os serviços prestados ao estabelecimento, assiste à Sra. Dra. Emília Snethlage o direito de receber do Estado a soma de um conto e quinhentos mil réis (1:500\$000) papel, para a sua viagem de volta. A mesma importância é garantida à contratante caso venha ela a adoecer de moléstia que, a juízo médico, exija repatriação.

5º – Na eventualidade do governo rescindir o presente contrato antes de completar-se o biênio aqui estipulado, por motivos e razões não criados pela contratante, aquele obriga-se a pagar a esta a soma correspondente aos vencimentos de seis meses”.

De retorno de suas excursões, em meados de 1907, Emília era comissionada, em junho do mesmo ano,

por autorização do novo Diretor, Jacques Huber, para efetuar estudos sobre aves nos Museus de Berlim, Londres, Viena, Munich e Leipzig, em colaboração com os maiores ornitólogos de então, Dr. A. Reichenow, Dr. R. Sharpe, Dr. L. von Lorenz, C. Hellmayr e Hans Berlepsch.

Nos primeiros anos de sua chegada ao Museu, Emília dedicou-se também ao estudo de peixes amazônicos, ainda talvez por influência de Emílio Goeldi. Quando, em 1907, visitara o Museu de Viena, contactara com o Dr. Franz Steindachner, ictiólogo famoso, na ocasião Diretor do mesmo, levando-lhe espécimes de peixes da Amazônia, o que favoreceu um estudo de espécies novas, provenientes dos rios Xingu e Purus. Estes resultados foram publicados por Snethlage no Vol. 5 do Boletim do Museu, p. 449-455, 1909, com o título “Novas espécies de peixes amazônicos das coleções do Museu Goeldi”.

Desde a sua integração ao corpo científico do Museu, estava Emília Snethlage encarregada por Goeldi de iniciar um trabalho de envergadura, o Catálogo das Aves Amazônicas. Teria por base as coleções seriadas que já vinham sendo feitas sobre as aves e que, através da naturalista, deviam ser intensificadas. Um esboço desta pesquisa já havia sido concluído por Goeldi, através do seu notável “Álbum das aves Amazônicas”. O Catálogo seria um complemento deste.

Snethlage não perderia mais de vista a incumbência de seu chefe e amigo, e assim esse seria de fato o seu maior objetivo para os próximos 10 anos. Emília não era pesquisadora de gabinete. Não gostava de viver enclausurada entre livros e elucubrações insípidas, porque possuía o es-

pírito da aventura, aliada à vocação pela vida livre no seio da natureza, em contato com as plantas, com os animais e com o tempo. Começou assim a reunir boas coleções para conhecer melhor as espécies, ao mesmo tempo em que anotava informações diversas sobre a taxonomia e ecologia das aves que capturava.

Durante os anos de 1908 a 1910, Emília Snethlage andou explorando a região bragantina, as áreas de Monte Alegre, Ererê e rio Maecuru, até a sua primeira cachoeira, e viajou pelos rios Tapajós e Jamanxim (todas em 1908, acompanhadas pelos preparadores Oscar Martins e João B. Sá). A mais importante exploração da arrojada pesquisadora foi, porém, a que realizou de maio a outubro de 1909, quando levou a cabo a travessia entre os rios Xingu e Tapajós, através dos rios Iriri, Curuá e Jamanxim. Esta viagem marcou uma vitória nos fastos do Museu Paraense, quanto ao devassamento, não apenas científico, mas geográfico do espaço amazônico, tanto mais realçado pelo fato de ser levado a cabo por uma mulher, já na casa dos 40 anos de idade.

No relatório de 1909, o Diretor do Museu, Dr. Jacques Huber, assinalava em síntese a exploração de Emília Snethlage do seguinte modo:

“Depois de ter tentado, já em 1909, fazer a travessia do Tapajós ao Xingu, pelo rio Jamanxim, porém sem poder levá-la a efeito, devido ao começo da estação chuvosa, a Dra. Snethlage embarcou em princípio de junho para o Xingu, onde ela estacionou por algum tempo, fazendo coleções, notadamente em Vitória e na estrada do Forte Ambé. Em 1º de julho ela seguiu dali em canoa o Iriri e o seu afluente Curuá, até a chama-

da Maloca do Manoelzinho, onde chegou em 15 de agosto e obteve, graças à proteção do Coronel Ernesto Accioly da Silva, que serviu-lhe de guia até aquele ponto, o consenso dos índios da tribo dos Curuáé, para fazer em companhia de alguns deles a penosa travessia do rio Jamanxim. Esta travessia por terra foi efetuada em 9 dias, chegando a Dra. Snethlage ao Jamanxim, no dia 15 de setembro, em um ponto situado muito acima dos últimos moradores. Só depois de 15 dias de viagem no alto Jamanxim, a intrépida viajante encontrou os primeiros seringueiros, aviados do Sr. Manoel Xisto de Corrêa, com cujo auxílio ela continuou a viagem rio abaixo, até chegar ao Tapajós. Esta viagem de exploração cujos resultados serão publicados oportunamente, merece ser destacada nos anais do Museu Goeldi, por sua importância geográfica, sendo a primeira travessia efetuada por terra entre os grandes afluentes do Amazonas. Como resultado geográfico mais saliente pode-se destacar, desde já, a descoberta duma cadeia de montanhas graníticas correndo de Norte ao Sul e elevando-se a 500 metros aproximadamente, como também a constatação de que em todo o percurso pelo *divortium aquarum* a mata amazônica predomina absolutamente, sendo apenas interrompida, nos lugares mais pedregosos, por uma espécie de caatinga, que na época da viagem se achava completamente despida de folhas”.

A viagem de Emília produziu repercussão mundial nos meios científicos, pelos objetivos alcançados e, mais ainda, pela audácia da executante. Nas mais importantes revistas científicas da Europa e Estados Unidos escreveram-se artigos informando e enaltecendo o feito da modesta cientista do Museu do Pará. Em nossa terra, porém, poucas pessoas

tiveram conhecimento da amplitude e do valor da façanha praticada por Emília em 1909. Foi apenas um fato a mais na vida da pesquisadora.

Nessa exploração Sneathage teve ocasião de fazer observações sobre os índios Chipaya e Curuaé, abordando os costumes e as línguas por eles usadas. Os resultados de História Natural foram de relevante importância, com coletas de aves, mamíferos, répteis, peixes e muitos exemplares de amostras de plantas. É mister aqui acentuar que a Dra. Emília, embora fosse zoóloga, não deixava de colaborar com o Dr. J. Huber, chefe da Seção de Botânica, colecionando sempre espécimes de plantas em todas as suas excursões, como eficiente exploradora de campo que era.

Um resumo da viagem exploratória de Sneathage foi publicado em alemão na Revista "Pettermans Geographische Mitteilung", Gotha, nº 58, p. 209-213, 1912. Os resultados não são detalhados, a autora preferiu divulgá-los em língua portuguesa no próprio Boletim do Museu, sob o título - A travessia entre o Xingu e o Tapajós - volume 7 p. 49-92, 15 fotos e um mapa, 1913.

Entre os anos de 1910 e 1914, Emília continuou viajando pela Amazônia e Estados vizinhos. Percorreu a região bragantina e o Tocantins (1910 e 1911); o rio Tapajós (1911); a região de Óbidos e os rios Jacundá, Jari e Arumanduba (1912). Em maio e junho de 1910, a pesquisadora excursionou ao interior do Ceará em companhia do preparador Oscar Martins, coletando aves, mamíferos, répteis e plantas na região de Camocim, Ipu, S. Paulo e Serra de Ibiapaba, de onde foram trazidas 59 amostras de plantas para o herbário do Museu. Huber já estivera no Ceará

em 1897 e A. Ducke em 1905 e 1908.

Em 1910, o "Catálogo das Aves Amazônicas", tendo por base as coleções do Museu, já estava quase concluído, conforme Relatório de Huber, de modo que em 1913 os originais foram enviados para a Alemanha, por achar a Diretoria do Museu impossível serem impressos em Belém. O Catálogo seria o volume 8 do Boletim, relativo aos anos 1911-1912. A obra foi executada em 1914 nas oficinas de A. Hopfer, Burg. O Boletim já estava impresso pelos meados desse ano, aguardando embarque na cidade de Hamburgo, para o Pará, quando a eclosão da Primeira Grande Guerra reteve a remessa ali, na iminência de perder-se, até o final do conflito. Chegou finalmente a Belém em 1920, sendo esse ano distribuído às instituições científicas.

O Catálogo das Aves Amazônica, contendo todas as espécies descritas e mencionadas até 1913, foi impresso em um grosso volume de 530 páginas. Para coletar espécimes e reunir todos os conhecimentos atualizados sobre as aves, Emília Sneathage consumiu não menos de 8 anos. Como introdução ela traçou em rápidas linhas um esboço da Amazônia e um resumo das explorações ornitológicas, desde A. von Humboldt (1799-1804) e Spix (1819-20) até os primeiros anos deste século, com as excursões de E. Goeldi e da própria Sneathage, no final de 1912. Incluiu depois uma bibliografia das principais obras que se referiam às aves Amazônicas e regiões limítrofes. O conteúdo maior do Catálogo abrangeu a parte Sistemática, com referência às espécies e subespécies então conhecidas, chaves analíticas



Emília Snethlage inspeciona a jaula dos felinos, no Parque Zoo-Botânico, em 1912, acompanhada de um chimpanzé.

dos caracteres peculiares, além de uma diagnose da coloração e distribuição geográfica.

O Catálogo das Aves foi um esforço científico pioneiro para a América do Sul, pois abrangia uma imensa região, então pouco explorada. Ele constituiu um verdadeiro monumento científico, não apenas para Emília Snethlage, mas principalmente para o Museu do Pará, que o havia subvencionado. Mais que isso, serviu de base segura aos estudos ornitológicos, durante os setenta anos que se seguiram.

Entretanto, devido à desatualização da nomenclatura do Catálogo, levando em conta os constantes estudos da Taxonomia zoológica, o Dr. Olivério Pinto, notável ornitólogo e então Diretor do antigo Departamento de Zoologia de S. Paulo (hoje Museu de Zoologia da Universidade de S. Paulo), levou a cabo uma revisão nomenclatural do mesmo, publicado no Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, vol. 10, 1949, p. 1-80. Nessa revisão foram atualizados os nomes dos gêneros, espécies e subespécies em particular. Ainda assim, a obra de Snethlage e a revisão de Olivério Pinto vêm sofrendo alteração, de acordo com a evolução dos estudos taxonômicos.

Durante o ano de 1913, Snethlage viajou, a partir de abril, aos Museus da Alemanha e Viena para realizar estudos comparativos sobre aves. Esta foi a sua última visita, antes da Grande Guerra, à terra em que nascera. Depois, em 1914, resolveu explorar por alguns meses o rio Iriri, afluente do Xingu, e o Curuá, também afluente daquele. Essa viagem, de suma importância para a geografia, para a zoologia, para a botânica e para a etnografia, deveria ser publi-

cada no Boletim do Museu, volume 9, com várias estampas, mapas e um vocabulário da língua dos índios locais. Infelizmente, a miséria financeira que após a Primeira Guerra Mundial se abatera sobre o Pará impediu definitivamente a publicação dos Boletins do Museu, seguida de outros transtornos que vieram acabar transitariamente com as atividades científicas da instituição.

Somente em 1925, Emília Snethlage conseguiu divulgar os resultados de sua exploração ao Iriri e Curuá na Revista alemã *Zeitschrift der Geschichte der Erdkunde*, de Berlim, às páginas 383-354, com o título "*Die Flüsse Iriri und Curuá im Gebiete des Xingu*".

Ainda no ano de 1914 haviam de surgir muitos óbices para a continuidade dos trabalhos científicos do Museu Paraense, o que de certo modo acarretaria prejuízos às atividades de Emília Snethlage. O principal foi a morte inesperada do Diretor do Museu, o botânico Jacques Huber, ocorrido a 18 de fevereiro desse ano, impelindo, inevitavelmente, a Dra. Emília para substituí-lo interinamente logo em seguida, através de portaria do Governador Enéas Martins. Alguns meses após, sobrevém a eclosão da Primeira Guerra Mundial, acarretando, com seus problemas, profundos transtornos ao Pará e em especial ao normal desenvolvimento do Museu e à sua Diretoria, por ser Snethlage de nacionalidade alemã.

Esta situação se tornou mais complicada a partir do momento em que o Brasil se declarou em estado de beligerância com a Alemanha e seus aliados, em 1917, obrigando o então Governador Lauro Sodré a demitir Emília do cargo de Diretora, mas mantendo-a na chefia da Seção

de Zoologia. Com o desenrolar da guerra a posição do Brasil se agravou, em virtude do torpedeamento de navios mercantes e outras ocorrências, e Lauro Sodré viu-se constrangido a afastar totalmente Snethlage das atividades do Museu, em 4 de março de 1918.

Como sempre ocorre nessas ocasiões inesperadas, as divergências entre as nações interferem formalmente nas relações entre cidadãos de nacionalidades diferentes, ainda que estejam engajados em propósitos acima das questões de política internacional. Emília Snethlage, que era indiferente a tais ocorrências, porque era mulher de paz, voltada exclusivamente para a ciência, considerava-se cidadã do mundo. Porém, a política de relações internacionais discorda desse ponto de vista nos momentos de angustiante expectativa.

Justificando a incoerência de atitude das pessoas em tais circunstâncias, em 1916 visitou o Museu o naturalista Paul Serre do Museu de História Natural de Paris, que publicou no mesmo ano, no *Bulletin*, nº 6, daquele Museu, um sucinto relato de tudo o que viu no Museu do Pará, não sem o ferir com maledicência despeitada de francês, que via na Alemanha sempre a inimiga. Assim reagiu, ao deparar-se, no Pará, com uma mulher alemã ocupando importante posição de chefia em uma instituição científica brasileira, enquanto o mundo europeu decrépito lutava desesperadamente contra a superioridade técnica e a arrogância dos povos germânicos.

O tal naturalista francês, cheio de desdém, chegou ao ponto de escrever que todo o Museu do Pará desprendia um *odor germânico*, insi-

nuando que as autoridades brasileiras deviam evitar o namoro com a Alemanha e seguir o exemplo da mãe-pátria, isto é, Portugal (que então lutava na França contra os alemães) e juntar-se aos países aliados.

Ainda em 1916, quando chefiava a Seção de Zoologia, Emília seguiu em excursão ao rio Negro para estudar as aves da região. Com o seu afastamento temporário do Museu, a irrequieta exploradora resolveu recolher-se em 1918 à comunidade indígena de Santo Antônio do Prata, então dirigida por frades e freiras Lombardos. O núcleo missionário do Prata localizava-se em um ponto privilegiado da chamada zona Bragantina, às margens do rio Maracanã superior, então uma área com extenso revestimento florestal e fauna pouco explorada. Atualmente Santo Antônio do Prata é o célebre Leprosário, próximo da rodovia BR-316 e da localidade Santa Maria do Pará.

A respeito da internação de Snethlage nessa comunidade indígena católica, correram em Belém muitas histórias falsas sobre a cientista que se supunha abrigada em um convento da cidade. Pelo que já foi exposto, é bem fácil de aquilatar que Emília não era mulher para esconder-se ou viver em conventos de religiosas, tendo em vista a sua própria maneira de encarar a vida em completa liberdade, estudando as belezas da natureza e os seres que nela convivem. O único convento da Dra. Emília Snethlage foi apenas a própria natureza, por onde percorreu florestas, rios, montanhas e campos do Brasil.

Naquele sítio Emília Snethlage passou alguns meses, fazendo estudos ornitológicos e ecológicos, notando a rápida e irreversível degradação pela qual já estaria passando a

região, então servida pela ferrovia de Bragança e pelas primeiras estradas carroçáveis, que rompiam a floresta da região. O resultado dessas pesquisas foi publicado na revista americana "The Geographical Review", N. York, sob o título "Nature and Man in Eastern Pará", 4:41-50. "Natureza e homem no leste do Pará" é uma importante análise ecológica dessa região. O Armistício com a Alemanha e países aliados, em novembro de 1918, facilitaria à Emília Sneathlage reintegrar-se nos cargos dos quais fora afastada. No dia 1º de agosto de 1919, o Governador Lauro Sodré a reconduz à Direção do Museu e, também, à chefia da Seção de Zoologia. Mas, a situação econômica do Pará, os aspectos políticos no governo, bem como o ambiente no Museu eram outros, e Emília sentiu que o momento era totalmente desfavorável para desenvolver qualquer atividade científica, em face das finanças do Estado desbaratadas, do Tesouro vazio, sem possibilidade de auxílio do Governo Federal. O Pará começava a cair na catastrófica depressão, que duraria pelo menos 10 anos, até o advento da Revolução de 1930.

Da época áurea de Emílio Goeldi só restara no Museu, em 1919, Emília Sneathlage, como cientista, e mais alguns antigos Preparadores, em especial o Sr. Rodolfo Siqueira Rodrigues, e Auxiliares. Adolpho Ducke, no início de sua carreira entomólogo e depois botânico, desde fins de 1918 transferira-se para o Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Assim, de meados de 1919 a junho de 1921, Emília Sneathlage procurou salvar as aparências daquele instituto científico, que já entrava em agonia. Tudo havia mudado, o mo-

mento era de grave crise. No Museu, a situação era bastante crítica, com a falta de verbas e atraso do pagamento dos funcionários, que refletiam desesperadamente nos servidores de categorias mais humildes. Emília Sneathlage, em sua simplicidade de mulher do povo e por isso muito inclinada ao humanitarismo, setindo como os seus subordinados as agruras da vida, procurou atenuar-lhes as dificuldades com ajudas que iam de dinheiro do seu próprio bolso até certas facilidades proporcionadas pelo Museu. Esta atitude de Sneathlage provocou a maledicência dos insensíveis, dos invejosos e dos que se sentem bem criando intrigas e desprezando a solidariedade humana, que armaram o patíbulo no qual sacrificariam, de vez, a talentosa e arrojada pesquisadora do Museu do Pará.

No dia 19 de abril de 1921, o jornal "O Estado do Pará" publicava em destaque o tópico seguinte:

"*Grave denúncia* – Do Museu Goeldi era retirada parte do alimento dos animais. Uma carta ao *Estado*. O que a Polícia apurou. A diretora, segundo declarou, consente a "moamba".

A citada carta fazia denúncias, algumas falsas, entre as quais a de que funcionários levavam alimentos, inclusive carne, para as suas casas, subtraída da ração dos animais e, por isso, os poucos animais presos no Museu morriam de fome. Outra denúncia dizia que na casa dos funcionários solteiros, que moravam no Museu, ocorriam escândalos, com a visita de "mulheres de vida duvidosa sem o menor respeito à direção e às famílias também lá residentes".

A Polícia fizera sigilosas investigações, tendo prendido um ga-

roto e um cidadão irmão de um funcionário, os quais portavam embrulhos contendo carne. Um inquérito foi então iniciado, enquanto o Governador Emiliano de Souza Castro era informado da questão.

Emília Snethlage estava plenamente senhora de si e da autoridade que exercia como Diretora do Museu, confirmando apenas que havia autorização sua para distribuir sobras de alimentos dos animais a alguns funcionários de muito baixa renda, já que a época era de muita carência. Adiantava ainda que os animais nada sofriam com esta medida, pois a carne que vinha do matadouro e o peixe dos mercados do Ver-o-Peso eram suficientes. As outras denúncias Snethlage as derrubou completamente e tudo ficou em nada, pelo menos aparentemente. No mesmo dia 19 de abril de 1921, Emília foi a uma conferência com o Governador do Estado, por ele convocada, para relatar as tais ocorrências e acertar medidas para o Museu.

Não temos idéia do resultado de sua palestra com o Governador, porque a Diretora do Museu era muito sisuda e respeitava a autoridade superior. Contudo, o vexame por que passava em Belém ter-lhe-ia deixado com certeza certa mágoa e lhe mostrado às escâncaras a ingratidão dos paraenses.

O resultado desses fatos foi a imediata exoneração de Emília Snethlage da Diretoria do Museu Paraense em 31 de maio desse ano, mantendo-se porém na chefia da Seção de Zoologia. Apesar das aparências, nada mais restava à pesquisadora senão abandonar de vez o Museu, e a este apenas cair na total apatia e decadência. No dia 1º de junho de 1921, o Governador nomeava

para o Museu o Dr. Antônio O' de Almeida, então conceituado médico e político de tradicional família do Pará. Como médico, o Dr. O' de Almeida não possuía os requisitos para dirigir um instituto de Ciências Naturais de renome como o Museu e em especial naquele momento de franca falência da economia do Estado. Por isso, nos quase 10 anos de sua administração no Museu, nada mais fez que pedir licenças para fazer política no Senado do Estado.

Para dar continuidade aos seus trabalhos científicos, Emília Snethlage ainda permaneceu no Museu até 15 de janeiro de 1922, quando solicitou licença de 6 meses para tratar de seus interesses. Em face da precariedade daqueles momentos para desenvolver pesquisas, Emília Snethlage aceitou a proposta do Diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Dr. Bruno Lobo, paraense, para o cargo de naturalista viajante, com vigência a partir de 1º de julho desse ano. O contrato foi de 6 meses, mas, desde abril, já vinha recebendo pagamento, embora ainda continuasse funcionária do Museu do Pará. Criara-se com isso uma posição ambígua para o Governo do Pará, o que demonstrava certo desdém da ilustre cientista para com o mesmo.

Antes de viajar para o Rio, Snethlage conseguiu, em 16 de dezembro de 1921, enviar para o Museu Nacional 1050 exemplares de peles de aves e 110 de mamíferos, com o consentimento do novo Diretor do Museu Paraense e do Governo do Pará, o que foi enriquecer as coleções daquela instituição com material amazônico, então bastante pobres.

Tendo o Dr. O' de Almeida ciência de que Emília Snethlage já estava desempenhando função fede-

ral, comunicou ao Governo o fato, ao mesmo tempo que solicitava, no dia 6 de julho de 1922, o desligamento da naturalista do quadro do Museu Goeldi.

No Museu Nacional, Emília Snethlage trabalhou com intensa obstinação. Tendo depois verificado que as coleções ornitológicas da instituição eram deficientes com relação à Amazônia, formalizou de imediato projetos de viagens para coleta de aves e aprofundamento de observações ecológicas. Conforme nos informa Hélio Camargo, em rápidas notas sobre Emília (*Rev. Ciênc. Cult.* 3(1):66-67, 1951), o Museu Nacional ofereceu-lhe sucessivamente contratos de 3 anos, a partir de 1º de janeiro de 1923 o primeiro, e o segundo de março de 1926. Ao término deste, firmou-se novo contrato, em cuja vigência veio a falecer a notável cientista, em novembro de 1929.

Em 1923, explorara a zona de transição da hiléia e cerrado, entre o Maranhão e o Nordeste. Ainda em junho desse ano, visitara o Museu Paraense e tentara fazer estudos comparativos de aves em suas coleções, conseguindo uma amostragem delas, por empréstimo, com o Dr. O' de Almeida. Obteve o empréstimo, mas demorou a devolver as peças cedidas, o que ocasionou muitos aborrecimentos ao Diretor do Museu. Não sabemos o motivo da demora do retorno das coleções; talvez por necessidade de mais longos estudos, talvez uma tentativa para ficarem no Museu Nacional.

Por algum tempo Snethlage viajou, no correr de 1925, pelos principais Museus da Europa, fazendo estudos comparativos para um tão almejado "Catálogo das Aves Brasileiras", com o inteiro apoio da Dire-

ção do Museu Nacional. Ainda nesse ano, com o mesmo objetivo, Emília explorou o Espírito Santo e o Vale do Rio Doce, sofrendo, amargurada, com as derrubadas das matas e a constatação de que os poucos índios da região já estavam completamente corrompidos em sua primitiva cultura. Várias regiões de Minas Gerais, como Mariana, as serras e depois o rio São Francisco, nesse Estado e na Bahia, foram, em 1926, percorridas pela intrépida cientista e exploradora, em busca do material ornitológico de que carecia para completar suas pesquisas.

O ano de 1927 marcaria para a naturalista mais um ponto em sua trajetória como um dos maiores exploradores do espaço brasileiro, visando a vários objetivos científicos de uma só vez. Bertha Lutz, a famosa zoóloga do Museu Nacional, cujo trabalho era muito semelhante às atividades científicas que Snethlage desenvolvia, estudou, com alguns pormenores, a vida de sua colega, tendo publicado pequenas notas no "Relatório Anual" do Diretor do Museu Nacional, relativo a 1957, quando era Diretor José Cândido de Melo Carvalho. Sobre as viagens realizadas por Emília em 1927, esclareceu Bertha Lutz à p. 42:

"Naquele ano a Dra. Emília Snethlage foi a pioneira das naturalistas, que em levadas sucessivas e crescentes viajaram pelo rio Araguaia. A sua viagem teve início no Estado de S. Paulo e abrangeu grande parte do Território de Goiás e longo trecho do rio Araguaia, sendo cheia de aventuras e peripécias, que narra com a maior simplicidade no seu Relatório. Antes disto estivera no Itatiaia, aumentando a órnis conhecida de lá, com mais um terço. No ano seguinte,

(1928), visitou o Sul, desde o Paraná até o Rio Grande, demorando-se no vale do rio Uruguai, indo a Posadas, na Argentina, e às célebres cataratas do Iguaçu, de onde passou para Mato Grosso. Em 1929 foi ao ponto culminante da República, mas essa viagem ao Caparaó foi fatídica. O guia perdeu-se e a Dra. Emília passou noite e dia ao relento, debaixo da chuva e da neblina frias que nessas altitudes zombam da nossa posição subtropical.”.

Finalmente, Emília Snethlage resolveu, no segundo semestre de 1929, partir para o rio Madeira, o maior tributário do Amazonas, que lhe faltava explorar. Pretendia realizar aprofundadas observações ecológicas sobre certas espécies de aves e fazer coleta de material. Depois que realizasse essa viagem, Emília já estava projetando explorar o Rio Branco, através do Rio Negro, e estudar as aves das fronteiras Brasil-Colômbia e Brasil-Venezuela.

Em novembro de 1929 a ornitóloga chegava à cidade de Porto Velho, no rio Madeira, hoje capital do Estado de Rondônia. Hospedara-se no Hotel Brasil, mas na madrugada do dia 25 do citado mês, vem a falecer subitamente, de colapso, atestado pelo médico paraense Antônio Magalhães. Morreu tristemente só, sem o aconchego dos amigos ou o calor de seus familiares, irmãos e sobrinhos que viviam na Alemanha. No Brasil, possuía apenas alguns amigos. Naqueles confins da Amazônia ocidental as autoridades locais resolveram sepultar Emília Snethlage no Cemitério de Porto Velho, hoje abandonado e não mais em uso, em campa rasa, muito modesta, que anos depois seria restaurada pelo Prefeito de Porto Velho, em 1945-48, jorna-

lista Carlos Mendonça, homem de letras que, por muitos anos, desenvolveu, também, atividades na antiga “Folha do Norte” e em “O Liberal”, e faleceu há poucos anos com 82 anos de idade. Era admirador de Emília Snethlage, a quem conhecera pessoalmente, na década de vinte. Escreveu na “Folha do Norte” de 14 de setembro de 1969 um artigo de meia página, lembrando alguns episódios relacionados à inesquecível “doutora Emília” como ela era conhecida em todo o interior do Brasil.

Morreu Emília Snethlage com quase 62 anos de idade, desprendida dos prazeres da vida e do comodismo na fase em que muitas pessoas abandonaram a luta para merecido repouso. Emília não temera nem a vida nem a morte, passando a existência a enfrentá-las paralelamente, com entusiasmo e destemor. Foi assim essa mulher, que mostrou, com destemor, do que era capaz o seu sexo, como tantas outras o tem feito no passado e no presente.

No Cemitério de Porto Velho, depois de quase 60 anos, ainda existe sua modesta sepultura, abandonada pela destruição do tempo e pela terrível ingratidão dos homens. Mas, na esfera científica do mundo, Emília Snethlage é sempre recordada com respeito e carinho pelos zoólogos, etnólogos e exploradores audazes.

O Museu Paraense Emílio Goeldi reverenciará sempre a sua memória, pois nele passou os melhores anos de sua maturidade científica, ajudando com o esforço e o vigor do seu trabalho a impor essa instituição ao respeito de que desfruta no seio da comunidade.

Hoje, no Departamento de Zoologia, setor de aves e mamíferos do

Museu Paraense (sob a chefia do ornitólogo Dr. Fernando C. Novaes que há quase 40 anos se dedica a essas pesquisas e é o continuador da obra daquela cientista), guarda-se com toda cautela e desvelo a histórica coleção de 10.000 peles de aves (muitas inutilizadas pelo descuido de anos passados), coletadas, identificadas e deixadas por Emília Snethlage em fins de 1921. Apresentam valor taxonômico importante para o estudo comparativo da ornitologia amazônica, em todos os tempos.

No dia 26 de outubro de 1926, a Academia Brasileira de Ciências recebeu, em seu seio, Emília Snethlage. Fez a sua recepção o Prof. Alípio de Miranda-Ribeiro, decano dos zoólogos brasileiros, que exaltou as qualidades e o caráter da modesta cientista. Tanto Alípio de Miranda-Ribeiro como o famoso escritor Humberto de Campos conheceram Emília Snethlage em 1909, quando contava 41 anos e se achava no auge de sua carreira. Ambos deixaram para a posteridade alguns traços da personalidade da Pesquisadora. Também dela se ocupou o Prof. Edgard Roquette Pinto, antigo Diretor do Museu Nacional. Miranda Ribeiro, no seu discurso de recepção na Academia de Ciências, teceu o seguinte retrato de Snethlage:

“Percebe-se bem que não é “feminismo” que a empolga: rejubila-se porque a tomaram por um homem, mas gosta de pedir conselhos a Hellmayr, a Hartert e de ouvir-lhes veredictos, como gosta de ler Berlepsch ou Salvadori. Traz o seu cabelo como Sophia Kovalevsky – à moda antiga [Sophia Kovalevsky, russa nascida em 1853 e morta em 1891. Recebeu o título de Doutora com 21 anos, foi uma cientista, for-

mada em Ciências Matemáticas em Berlim e Göttingen. Escreveu vários livros sobre física e matemática, ganhando o prêmio Bordin da Academia de Ciências de Paris. Escreveu também novelas e memórias de infância. Foi casada com o paleontólogo russo Kovalevsky] e usa o chapéu severo das senhoras de idade; o seu vestuário não deslumbra nas demasias do apuro, mas nos agrada na severidade da forma. Vê-se às vezes um leve vestígio de escolha de moça nas flores do chapéu ou na disposição da moda; mas a sisudês domina-lhe as maneiras, a simplicidade acentua-lhe a sua predileção constante – a zoologia. Não é pois a *sufragete* despeitada e resolvida a rasgar telas raras ou a derrubar governos; é a criatura bondosa e experiente de sabedoria que se apraz em estudar, arriscando para tanto a vida, com a mesma naturalidade e modéstia com que deseja só encontrar, nos outros, as qualidades angelicais dos santos; e com a mesma fineza de ânimo com que prepara e executa as viagens pelo sertão a dentro”. (Bol. Mus. Nac., 12:81, 1936).

Humberto de Campos, consignou assim as suas impressões sobre Emília Snethlage, quando a viu em 1909 em seu gabinete de trabalho do Museu Goeldi:

“O meu primeiro espanto veio da figura que me aparecia, de súbito, na pequena sala rodeada de estantes e de mostruários em que Emílio Goeldi escreveu as suas eruditas monografias sobre as aves e os mamíferos do Brasil. De estatura mediana, tez clara, mordida do sol e crestada pelos ventos ardentes do equador, cabelos longos e castanhos soltos nas espáduas, mostrando na fisionomia a um tempo enérgica e bondosa ter pouco

mais de trinta anos, a mulher que me recebia para uma palestra sobre as suas excursões dava-me mais a impressão de uma bondosa senhora sertaneja, trabalhada pelos cuidados domésticos, do que de uma famosa desbravadora de florestas, apanhadora de pássaros...”.

“Trajava as roupas do seu sexo, vestindo, todavia, calças e perneiras de couro nas suas excursões”. (Rev. Acad. Bras. Letras, 52:345-348, 1930).

Roquette-Pinto, que bem conheceu a famosa naturalista, sobre ela deixou impresso o seguinte esboço de sua personalidade:

“Snethlage uma modéstia meiga, tão atraente que ninguém a encontrava sem que a estimasse logo. Espírito vivo e sensível, adorava a música”.

“Cortou o Brasil em todos os rumos e nunca encontrou quem lhe quisesse fazer o menor mal. É a mulher que conservou os seus lindos cabelos longos até há pouco, explicando que a moda dos cabelos curtos seria de fato muito cômoda para uma naturalista; mas as senhoras, no interior, poderiam no começo do uso estranhar...”. (Rev. Acad. Bras. de Letras, 32:350, 1930).

O famoso escritor paraense Raymundo Moraes também teve oportunidade de conhecer Emília Snethlage durante os seus grandes momentos de exploradora. Raymundo Moraes tinha incomum admiração pela intrépida cientista a ponto de escrever um livro com o título “Os Igarauas” (ou os que viajam em canoas negras), abordando em estilo romancado os costumes dos paraenses interioranos, cujo principal personagem real é a extraordinária Emília. A trama do romance é fictí-

cia, como a maioria das pessoas, mas Moraes aproveitou a descrição da viagem de exploração que Snethlage efetuou aos rios Tocantins e Araguaia em 1910/11 e 1927, para incluí-la no enredo de sua história, batizando-a de “dama de branco”. “Os Igarauas” foi uma homenagem que Raymundo Moraes, profundo conhecedor do rio Amazonas, prestou à modesta cientista do Museu Paraense Emílio Goeldi, feita a sua maneira, prevendo, em 1938, o esquecimento em que ela ficaria um dia.

Em certa passagem do livro, à página 170, R. Moraes escreveu o seguinte sobre Emília:

“Quanto à naturalista, valia por um atestado de altas qualidades germânicas. Se não era formosa, possuía no entanto uma graça e uma simpatia que a tornavam envolvente, além da fina inteligência, do trato ameno e da coragem que a sobrepujava, em qualquer momento, ao tipo comum da mulher. Possuía além disso um golpe de vista psicológico seguro sobre as pessoas, de maneira a surpreender pela máscara humana, os refulhos da alma”.

Concluindo o seu romance Raymundo Moraes assinalava de maneira veemente o seu apelo em memória de Emília Snethlage:

“Quem se deu ao esforço de verificar o labor de Emília Snethlage, funcionária e diretora do nosso Museu, é que vê a indiferença com que os responsáveis pelo departamento científico lhe declinam o nome glorioso e memorável. Figura feminina emocionante, impávida e corajosa, basta ler-se-lhe a travessia por terra entre o Xingu e o Tapajós para se verificar o sentido da sua bravura. Temos no entanto, além dessa parte etnográfica, de referir o seu trabalho

formidável sobre a avifauna, cujo documento é esse volumoso livro intitulado "Catálogo de Aves Amazônicas". O atual diretor do Museu, Dr. Guilherme de La Penha, homenageou Emília Snethlage em 1987, denominando o prédio histórico da Diretoria e Administração com o nome da extraordinária cientista.

Carlos Mendonça no artigo que escreveu sobre Snethlage, já citado antes, delimitou em rápidos traços o que dela achava:

"Realmente, era uma bela mulher. Tinha o riso generoso, o claro riso dos sábios, que Michelet raramente via nos seus heróis guerreiros. Sua sensibilidade transparecia na modéstia meiga, tão atraente, que, como observou Roquette-Pinto em curta biografia após sua morte, ninguém dela se aproximava que não a estivesse logo. Por ser assim, bela e de espírito tão vivo, lembrava Aspásia, a que foi esposa de Péricles". (Folha do Norte, 14 de setembro de 1969).

Para finalizar estas notas sobre a vida e os trabalhos de Emília Snethlage, inserimos aqui um trecho da Dra. Bertha Maria Julia Lutz ao abordar a atividade científica desta naturalista, fazendo salientar sua meta principal durante os 24 anos em que estudou o Brasil. A distribuição geográfica das aves brasileiras por ela definida e quase toda fundamentada em pesquisas de campo é um modelo de trabalho sério e judicioso. Este conceito foi assim sintetizado por Bertha Lutz, na palestra que realizou sobre Emília Snethlage no Museu Nacional, publicada, em resumo, no Relatório Anual do Diretor, 1958, p. 42.

"A parte mais preciosa de sua obra fica sendo o sistema original e

baseado em conhecimentos geográficos profundos e exatos que elaborou sobre a Avifauna do Brasil. Divide o país em duas regiões, Norte e Sul, separadas em diagonal NE-SO, pelo divisor de águas do Tocantins-Araguaia e S. Francisco, Paranaíba e Paraná. A região Norte compreende a Hiléia e a Chapada, cujos campos se insinuam em direção da primeira pelas margens dos rios e clareiras, envolvendo a selva em rede campestre de malhas amplas. O rio Negro serve de transição entre as Guianas, a Colômbia e o Equador. Na região Sul a floresta ocupa as serras costeiras e se estende ao longo dos vales dos rios, como o médio Paraná e o alto Uruguai, sendo ela a rede, e constituindo os campos e as ilhas. Os campos são ora gramíneas, ora altos; os últimos muito heterogêneos, abrangem o campo aberto, a caatinga, os capões, o cerrado e o cerradão. O denominador comum é a iluminação ampla. A Dra. Snethlage inclui os pinhais entre os campos altos. A zona de transição NE é quase desértica, com aves claras e desbotadas. A outra, a SO, é rica em água e abrange a parte oriental da Bolívia e do Paraguai. As aves dos campos altos não encontram obstáculos nas serras, mas apresentam máximos e mínimos. Nas florestas serranas, menos densas que a equatorial, o ótimo decresce em altitudes à medida que a latitude aumenta. Exemplifica com os Tangarás e os Tyrannidae, mormente com os tiranos brancos dos grupos *dominicana* e *irupero*. Biologicamente, as aves insetívoras são de distribuição restrita, maximé as do solo e as das camadas baixas da floresta. As onívoras ostentam distribuição ampla. A Dra. Snethlage limita as suas considerações a órnis, mas muitas delas serão

aplicáveis a outros grupos e aos países cisandinos limítrofes”.

Emília Sneathlage pertencia a várias entidades científicas brasileiras e internacionais, das quais destacam-se as seguintes:

- Academia Brasileira de Ciências;
- Membro feminino da British Ornithologists Union;
- Membro honorário da Sociedade Ornitológica da Alemanha;
- Membro da Sociedade Ornitológica del Plata desde sua fundação;
- Membro da União Ornitológica Americana.

Trabalhos de Emília Sneathlage referentes ao Brasil

1906. Ueber brasiliannische Voegel. *Orn. Monatsberichte*, 14:9.
1906. Einige Bemerkungen ueber *Ypocnemis vidua* Hellm. und *Phlogopsis paraensis* Hellm. *Orn. Monatsber.*, 14:9-31.
1906. Ein neuer Zwergspecht. *Orn. Monatsber.*, 14:59-60.
1906. Ueber unteramazonische Voegel. *Journ. f. Orn.*, 1906:407-411, 519-527; 1907:283-299.
1907. Neue Vogelarten aus Südamerika. *Orn. Monatsber.*, 15:160-164, 193-196.
1908. Eine Vogelsammlung vom Rio Purus, Brasilien. *Journ. f. Orn.*, 1957:7-24.
1908. Ornitologisches von Tapajoz und Tocantins. *Journ. f. Orn.*, 1957:493-539.
1908. Sobre uma collecção de aves do Rio Purus. *Bol. Mus. Goeldi (Mus. Para.) Hist.*

Nat. Ethnogr., 5:43-78.

1908. Novas especies de aves amazonicas das collecções do Museu Goeldi. *Bol. Mus. Goeldi (Mus. Para.) Hist. Nat. Ethnogr.*, 5:437-448.
1908. Novas especies de peixes amazonicos das collecções do Museu Goeldi. *Bol. Mus. Goeldi (Mus. Para.) Hist. Nat. Ethnogr.*, 5:449-455.
1908. Bibliographia zoologica. *Bol. Mus. Goeldi (Mus. Para.) Hist. Nat. Ethnogr.*, 5:463-471.
1909. Sobre a distribuição da avifauna campestre na Amazonia. *Bol. Mus. Goeldi (Mus. Para.) Hist. Nat. Ethnogr.*, 6:226-235.
1909. Berichtigung. *Orn. Monatsber.*, 18:192.
1910. Zur Ethnographie der Chipaya und Curuahé. *Zeitschr. f. Ethn.*: 612-637.
1910. Neue Vogelarten aus Amazonien. *Orn. Monatsber.*, 20:153-155.
1912. A travessia entre o Xingu e o Tapajoz. *Bol. Mus. Goeldi (Mus. Para.) Hist. Nat. Ethnogr.*, 7:49-92.
1912. Vocabulario comparativo dos Indios Chipayas e Curuahé. *Bol. Mus. Goeldi (Mus. Para.) Hist. Nat. Ethnogr.*, 7:93-99.
1913. Ueber die Verbreitung der Vogelarten in Unteramazonien. *Journ. f. Orn.*, 62:469-539.
1914. Neue Vogelarten aus Amazonien. *Orn. Monatsber.*, 22:39-44.
1914. Catalogo das Aves amazonicas. *Bol. Mus. Goeldi (Mus.*

- Para.) *Hist. Nat. Ethnogr.*, 8:1-530.
1917. Nature and Man in Eastern Pará, Brazil. *The Geographical Review (New York)*, 4:51-50.
- 1920-1921. Die Indianerstämme am mittleren Xingu. *Zeitschr. f. Ethnol.*, 395-427.
1923. Oribatideos Brasileiros (Uebersetzung der Arbeit, von Dr. Max Sellnick). *Arch. Mus. Nac.*, 24:283-300
1924. Neue Vogelarten aus Nordbrasilien. *Journ. f. Orn.*, 446-450.
1924. Informações sobre a avifauna do Maranhão. *Bol. Mus. Nac.*, 1:219-223.
1924. Novas especies de aves do NE do Brasil. *Bol. Mus. Nac.*, 1:407-412.
1925. Neue Vogelarten aus Nordbrasilien. *Journ. f. Ornith.*, 73:264-274.
1925. Die Flüsse Iriri und Curua im Gebiete des Xingu. *Zeitschr. der Ges. f. Erdk. zu Berlin* :328-354.
1925. Resumo de trabalhos executados na Europa de 1924-1925. *Bol. Mus. Nac.*, 2(6):35-70.
1926. Uma Nova especie de Dendrocolaptideo no Interior do Brasil. *Bol. Mus. Nac.*, 3(3):59-60.
1926. Algumas observações sobre passaros raros e pouco conhecidos do Brasil. *Bol. Mus. Nac.*, 3(3):61-64.
1927. Bemerkungen ueber einige wenig bekannte Formicariiden aus Süd - und Mittelbrasilien. *Journ. f. Orn.* 75:371-374.
1927. Novas especies e subespecies de Aves do Brasil Central. *Bol. Mus. Nac.*, 4(2):1-8.
1928. Ein neuer Dendrocolaptidae aus Inner-Brasilien. *Orn. Monatsber.*; 35:8-9.
1928. Ein neuer Cuculide aus Südbrasilien. *Orn. Monatsber.*, 35:80-82.
1928. Neue Vogelarten und Unterarten aus Innerbrasilien. *Journ. f. Orn.*, 76:581-587.
1929. SNETHLAGE, E. & SCHREINER, K. Beitrage zur brasilianischen Oologie. In: INTERNATIONALEN ORNITHOLOGEN-KONGRESSES, 6. Kopenhagen, 1926. Berlin, 1929, p.576-640.
1930. Bemerkungen ueber die Verbreitung der Voegel in Brazilien. *Journ. f. Orn.*, 78:58-65.

Fontes de Consulta

Arquivos do Museu Paraense Emílio Goeldi. 1905/1926. Relatórios e outros documentos.

Boletim do Museu Goeldi
1909 - Tomo 5, (1907-1908).
481 p.

1910 - Tomo 6, (1909), 267 p.
1913 - Tomo 7, (1910), 344 p.
1914 - Tomo 8, (1911/12), 530 p.

1930. CAMPOS, Humberto de. Emília Snethlage. *Rev. Bras. Letras*, 32(99):345-349.

1951. CAMARGO, Hélio F. Pequena contribuição ao Estudo da História do Museu Paraense Emílio Goeldi.

- Ciênc. Cult.*, 3(1):61-68.
1958. LUTZ, Bertha. Emílie Snethlage (1868-1929) In: Relatório Anual, 1957, pelo Diretor José C.M. Carvalho, Museu Nacional. p. 29-43.
1969. MENDONÇA, Carlos A. Uma naturalista alemã na Amazônia. *Jornal "Folha do Norte"* (14/09) p., il.
1936. MIRANDA-RIBEIRO, Ali-pio. Discurso de recepção da Dra. Emília Snethlage na Academia Brasileira de Ciências que em nome desta proferiu em sessão de 28 de outubro de 1926. *Bol. Mus. Nac.*, 12(1):77-85.
1938. MORAES, Raymundo. Os Igarunas. Romance Amazônico. Costumes Pa-raenses. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 326 p.
1930. Emílie Snethlage. Obituary. *Ibis*, 6(12):320-322.
1931. Miss Emílie Snethlage. Obituary. *Auk*, 48(1):161-162.
1921. Grave denúncia. *O Estado do Pará (Jornal)*. Dia 19 e 20 de abril.
1916. SERRE, Paul. Le Musée Goeldi, au Pará. *Bull. Mus. natn. Hist. nat.* (6):351-356.
1930. SNETHLAGE, Heinrich. Dr. Emílie Snethlage zum Gedächtnis. *Journ. f. Orn.* 78:123-134.
1930. ROQUETTE-PINTO, Ed-gard. Snethlage. *Rev. Bras. Letras.* 32(99):349-351.